

Gênero, água e agricultura urbana

Felicity Chancellor - fmchancellor@aquademos.com

Aquademos, Reino Unido

Foto 1: Angelika Kessler - A produção agrícola de pequena escala é vital para as famílias mais pobres

Foto 2: IWMI Gana - Em Kumasi, a maioria da população migrante e pobre é formada por homens

A pobreza urbana é um problema crescente. Cerca de 70% das pessoas mais pobres do mundo são mulheres, muitas delas viúvas ou mães solteiras que carregam inteiramente a responsabilidade de alimentar seus filhos e parentes mais velhos. A produção de alimentos em pequena escala, como parte integrante de uma variedade de estratégias e oportunidades, é vital para a sobrevivência dos pobres urbanos – particularmente das mulheres.



O ambiente social, cultural e econômico da cidade molda os modos pelos quais homens e mulheres podem praticar a

agricultura urbana e se beneficiar dela. É amplamente sabido que a agricultura traz benefícios à arena urbana, mas como, exatamente, ainda não está muito claro nem reconhecido igualmente por todos os envolvidos. Os estudos referidos aqui podem contribuir para o início da análise de gênero aplicada a essa atividade.

Exemplos da África

Por meio de um projeto financiado pelo DFID, como parte do programa “Articulando Conhecimento e Pesquisa” (Engineering Knowledge and Research), a HR Wallingford, (do Reino Unido) pesquisou os cultivos periurbanos irrigados no Quênia (estudo 1) e em Gana (estudo 2). Em outro projeto, foram estudados o papel das mulheres na irrigação e a distribuição das tarefas de irrigação entre homens e mulheres no Quênia, em Gâmbia e nos países da África Meridional (estudo 3).

Uma pesquisa inicial com 152 produtores de Nairóbi (estudo 1) revelou que a maioria (63%) deles era composta por mulheres, na maior parte com idade entre 20 e 45 anos (faixa de

idade que tem maior responsabilidade em garantir a alimentação da família), e 86% de todos os entrevistados não tinha outra fonte de renda além de sua pequena produção de alimentos. A maioria desses produtores vive nas cidades há menos de 20 aos.

Tipicamente, a agricultura irrigada era uma tarefa nova para eles, sendo que a maioria só a utiliza há menos de cinco anos (Hide e Kamani, 2000). Muitos produtores percebem que as bombas são essenciais para seu sistema de produção, mas, para a maioria das mulheres, seu uso é praticamente inviável por causa dos custos. As mulheres também têm problema para usar bombas por causa da falta de conhecimentos técnicos para operá-las, mantê-las e repará-las de modo confiável. As redes de mulheres raramente incluem contatos com técnicos habilitados, e as mulheres sentem-se excluídas das redes masculinas, onde tais habilidades são mais comuns, ficando elas sempre no final da fila para conseguir peças de reposição e serviços de reparo (Chancellor e outros, 1999; Berejena e outros, 1999). A facilidade para vender os produtos é muito importante para esses pequenos produtores. **Em Nairóbi, os praticantes da agricultura irrigada não se sentem limitados por problemas de comercialização e ainda informaram que raramente precisam de crédito. Os registros revelaram um alto nível de poluição. (?)**

Em contraste, em Kumasi (estudo 2) a maior parte dos agricultores que usam irrigação é formada por homens que trabalham em terras próprias ou arrendadas (86%), embora um grande número de mulheres consiga alguma renda carregando água para irrigação dos canteiros de hortaliças, algumas vezes distantes até 200m da origem. O acesso ao mercado é mais problemático do que em Nairóbi, e implica em custos com transporte (as áreas periurbanas são maiores do que em Nairóbi). Os níveis de poluição são semelhantes aos verificados em Nairóbi. As mulheres não aparentam enfrentar os mesmos riscos de produção enfrentados pelas mulheres do Quênia, mas apesar das oportunidades para ganhar salários minimamente compatíveis com suas necessidades, elas têm pouca chance de se integrarem a atividades comerciais mais vigorosas, e, na prática, o retorno normalmente baixo gerado pelas pequenas atividades agrícolas mantém o sua renda sempre insuficiente.

Em ambas as cidades, os agricultores que usam irrigação trabalham geralmente sem qualquer apoio governamental ou reconhecimento por sua contribuição para fortalecer a segurança alimentar urbana. A irrigação frequentemente facilita a geração de renda para além das necessidades básicas da sobrevivência, embora os resultados ainda mal superem a linha da pobreza. Mesmo assim, se mais orientação no manejo agrícola e da irrigação e mais informações sobre alimentação e saúde fossem oferecidas a esses produtores irrigadores informais, particularmente às mulheres, cujo nível de educação é quase sempre muito pobre, a geração de renda dessas pessoas poderia aumentar muito. Um modo mais efetivo em custos para pôr em prática essa estratégia em favor dos pobres seria apoiar esses grupos de produtores de áreas irrigadas, mas há poucos sinais desse apoio, em qualquer dessas cidades.

Nos estudos que focaram o papel das mulheres nas tarefas de irrigação e no impacto que a divisão dessas tarefas tem nas questões de gênero e nas mulheres das periferias em Gâmbia, Zâmbia e na África do Sul (estudo 3), verificou-se que muitas delas se organizam para irrigar os seus plantios em grupo. Esses grupos, onde cada mulher participante tem seu

próprio lote, são populares dentro e ao redor das cidades. As mulheres freqüentemente se beneficiam dos serviços de extensão técnica, particularmente se elas estiverem contando com o apoio de alguma ONG. A comercialização é reconhecida como um problema generalizado; a competição oferecida pelos fornecedores comerciais nas áreas urbanas é muito forte, mantendo os preços baixos e pouco remunerativos para o trabalho duro dos produtores pobres de recursos. A baixa qualidade dos produtos e os seus preços depreciados são freqüentemente resultado do acesso inseguro e insuficiente à água. Nos cultivos de fundo de quintal, usa-se a água de torneira (tratada e encanada), embora os sistemas de captação da água da chuva estejam se tornando mais populares, já que a água tratada é fornecida a preços cada vez mais elevados.

Muitas das mulheres mais pobres não têm acesso à água encanada e não podem instalar sistemas de captação da água, caros para suas poucas posses.

Os grupo de mulheres produtoras ajudam a resolver suas necessidades e freqüentemente usam águas providas de estações de tratamento ou bombeadas do subsolo, com os problemas de qualidade que podem ocorrer nessas circunstâncias. Os custos e riscos ambientais são altos, mas os produtores os comparam com a necessidade que têm de gerar dinheiro – ainda que pouco, mas com certeza.

As mulheres em Zâmbia e Banjul afirmam que é importante vender todo dia, mesmo que pouco, para enfrentar as necessidades diárias da família, como escola e comida. As mulheres têm dificuldades para guardar dinheiros maiores em casa com segurança, e também por isso preferem ganhar por dia e apenas o que é necessário a curto prazo. Essa estratégia não é consistente com os conceitos de economia de escala e de controle de qualidade, e ajuda a manter as margens de lucro muito exíguas. Outras questões que as mulheres mencionam relacionam-se com sua segurança pessoal, enquanto trabalham em seus lotes (estupro tem se tornado uma ameaça crescente) e a segurança dos equipamentos e das colheitas.

No geral, as questões levantadas pelas mulheres nesse estudo foram os obstáculos para obterem recursos para irrigação, tais como dinheiro para comprar insumos e máquinas que poupem mão-de-obra, os problemas de segurança pessoal das mulheres nas áreas de plantio e nas relações domésticas, e as dificuldades de acesso aos mercados, incluindo a carência de meios de transporte para elas mesmas e para os seus produtos.

Questões de gênero

A falta de dados discriminados por gênero é uma restrição importante (Chancellor, 1997). Sem tal informação, a discussão permanece teórica e torna-se impossível medir as melhorias e fazer análises de gênero com alguma clareza. A natureza informal e muito variada da agricultura irrigada urbana coloca desafios como definir quem tem o dever de recolher informações e qual a atenção que deve ser dada à dimensão do gênero. Os próprios produtores freqüentemente preferem não formalizar sua atividade agrícola por que para muitos deles ela é uma atividade eventual, para muitos outros (inclusive para muitas mulheres) ela é ilegal, e para outros ainda ela é apenas uma entre várias estratégias de

sobrevivência. Esses produtores, particularmente as mulheres, precisam tornar-se conscientes de como as informações relacionadas a sua atividade podem ser usadas para o seu benefício.

Tanto nas áreas rurais quanto nas urbanas da África, é pouco comum para as mulheres terem o mesmo acesso que os homens a recursos como a terra e a água. A prática social e cultural e a situação economicamente desvantajosa das mulheres contribuem para essa situação. Por isso é ainda mais notável que as mulheres quenianas sejam tão bem sucedidas em estabelecer alguns direitos sobre seus lotes informais. A pobreza é uma força poderosa a movê-las, mas ela também compromete as mulheres em um estilo de vida altamente vulnerável. Entretanto, muitas mulheres relativamente enérgicas e determinadas são capazes de coordenar o trabalho agrícola e seus riscos com suas outras táticas de subsistência e sustentar seu pequeno negócio.

Nos locais onde as mulheres cultivam em grupos há mais acesso a informações e orientação, e mais segurança pessoal no trabalho no campo. O acesso a informações é determinado pelo que é oferecido, o modo como é oferecido, e a capacidade dos produtores de fazerem uso das informações que recebem. Todos os estudos identificaram as mulheres produtoras como sendo menos educadas do que os seus colegas homens, entretanto, já que todos têm pouco contato com informações, a maior deficiência educacional das mulheres não faz grande diferença com relação ao trabalho que realizam. Quando existem serviços de extensão voltados para os agricultores urbanos, eles costumam focar seu trabalho nos produtores homens, desconsiderando as produtoras – em parte por que é considerado difícil ou irrelevante envolver as mulheres na produção, e também por que a falta de dados discriminados por gênero deixou as autoridades inconscientes do potencial que existe no trabalho das mulheres produtoras.

Recomendações

As questões de longo prazo ligadas à produção sustentável de alimentos e à melhoria das condições de vida das mulheres pobres, bem como as relacionadas à equidade de gênero e ao controle de qualidade da produção de alimentos, podem se beneficiar quando se promovem atividades em grupo ou dinamização de associações de produtores urbanos, por meio das quais mais informações e orientação podem ser melhor distribuídas, e as normas e regulações mais estritamente respeitadas.

Organizadas, as mulheres conseguem fazer melhor uso dos recursos urbanos como as pequenas áreas livres, águas captadas da chuva e efluentes, e com o apoio adequado, suas atividades podem ser mais seguras e mais eficientes do que são atualmente.



É necessário reunir mais informações para compreender melhor os impactos das limitações econômicas e políticas das questões de gênero e de educação, particularmente daquelas relacionadas com o manejo de tecnologias na agricultura urbana.

No ambiente atual, simpático a intervenções em favor dos mais pobres, é importante que mais informações sejam reunidas e que as novas políticas se baseiem na compreensão das dimensões de gênero. Embora os agricultores prefiram o anonimato, as mulheres podem melhorar suas condições se chamarem a atenção da sociedade para sua contribuição na segurança alimentar da cidade, e para seu potencial de melhorar os aspectos de saúde ligados à agricultura urbana. Existe agora uma pressão crescente para que as autoridades incluam a agricultura urbana em suas políticas públicas, e há um perigo real de que atitudes negativas, alimentadas pelo medo aos riscos para a saúde do consumidor, possam privar as pessoas mais pobres de uma estratégia importante e viável de sobrevivência.

A não ser que as mulheres se envolvam na formulação das novas políticas, continuarão em desvantagem diante de legislações necessariamente restritivas em questões como poluentes e saúde do consumidor. A integração da análise de gênero encoraja uma abordagem holística, mais do que outras que focalizassem, de modo estreito, a saúde e o meio ambiente (?).

Referências

- Berejena, E., Hasnip, N., Ellis-Jones, J. (1999) Gender-sensitive Irrigation Design, Part 5, OD143 HR Wallingford Ltd., OX10 8BA, UK (Study 3)
- Chancellor, F. (1997) Developing the participation and skills of women irrigators. Report OD135, HR Wallingford Ltd., OX10 8BA, UK
- Chancellor, F., Hasnip, N., and O'Neill, D. (1999) Gender-sensitive Irrigation Design, Part 1, OD 143, HR Wallingford, Ltd, OX10 8BA, UK (Study 3)
- Cornish, G. A., Aidoo, J.B. (2000) Informal Irrigation in the Peri-urban Zone of Kumasi, Ghana; OD/TN 97, HR Wallingford, OX10 8BA, UK (Study 2)
- Hide, J., Kamani, J. (2000) Informal Irrigation in the Peri-urban Zone of Nairobi, Kenya; OD/TN 98, HR Wallingford, OX10 8BA, UK. (Study 1)

[Sumario Revista No.12](#)